Spártacus

Ano I — Numero 15 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 8 de Novembro de 1919

A revolução russa

Completa-se agora a revolução francêsa e completa-se com o caráter universal que não tivera em 1789. Ainda que houvesse triunfado em França o elemento comunista concentrado nas *Seções de Paris*, é licito supôr que se não alastraria o movimento ou seria sufocado nos demais paizes.

O proletariado não se achava instruido no regimen, nem lograria compreender o alcance da transformação. Era necessario preparal-o pela propaganda sistematica na imprensa, na tribuna, nos sindicatos, na ação grevista para forçal-o a evolver, a educar-se nesse ideal.

O cunho cosmopolita da revolução atual provém desses decénios de propaganda forte, batizada com as persiguições continuas, intensificada com os horrores da Siberia e as opressões crccentes do industrialismo ganancioso e concorrente.

O desfecho das cenas preparatorias iniciou-se com a conflagração. Foi o tragico burguez prenunciador do epilogo do drama. O capitalismo se estorce numa agonia de personagem ferida em cena aberta.

E é justiça. Ele tem amargurado toda a humanidade.

No seu ativo incluem-se as guerras de conquistas, os horrores fratricidas desde assirios, gregos e romanos, as guerras e sangueiras de religião, a escravidão, os circos, as proscrições, as desgraças economicas, as falencias, os crimes politicos, a prostituição, os vicios, as miserias, a pirataria, todas as calamidades, os oitenta por cento do pranto humano milenar.

Por meio da religião e do preconceito politico segundo o qual é sagrado o rei, e ha nobres, castas, privilegios por lei divina; graças á credulidade e á ignorancia dos trabalhadores o capitalismo dominou sempre. Foi mistér esclarecer a grande massa de trabalhadores, destruir-lhes na conciencia o respeito ao dogma, o pavor do inferno, a reverencia ao rei e ao amo, sobretudo revelar aos salariados militares, aos soldados e marinheiros, que a sua libertação, como a libertação dos salariados civis, dependia da união de todos, numa causa unica. Uns davam á burguezia a força armada e os outros a força economica. Com a primeira esmagaria a segunda e com a segunda obrigaria a primeira, sempre, a submeter-se pela fome ou pela substituição, desde que os soldados e marinheiros se tiram da lavoura e das fabricas.

A obra decisiva da revolução russa foi demonstrar isso aos salariados e no momento da ação converter a idéa numa fórmula pratica, instituindo o *Conselho de operarios e soldados*.

Feita a união desmoronou-se o *colosso moscovita*.

O movimento russo exemplificou admiravelmente quanto é facil a transformação do regimen capitalista firmado na base proletaria. Bastou que a vontade proletaria se recusasse ao jugo ou não pactuasse com os interesses patronais e politicos para aluir-se a jerarquia multisecular de tzares e grãos duques.

Agora já não é somente o proletariado russo, ou o francez, ou o italiano que se agita. E' o proletariado universal em vesperas de realizar na Terra inteira a mesma reviravolta realizada superiormente pelo russo.

Chegam-nos de toda a parte sinais dos novos tempos. A revolução ferve na França, na Italia, na Inglaterra, na America do Norte, estende-se á China, ao Egito, á Republica Argentina. Na Europa já não tem a burguezia meios de reagir. Em Buenos-Aires suspendeu-se a expulsão dos anarquistas estrangeiros e anuncia-se que vão soltar os presos politicos e desaplicar a infame lei 1444.

Emquanto isso, no Brazil, tenta-se a reação!

Faz-se violentamente como de costume. O governo, para fazel-o, põe-se fora da lei, denotando ao proletariado, claramente, que a lei é garantia dos burguezes, ou dos proletarios conformados, nunca dos proletarios insubmissos ao capitalismo.

A reação mais vigorosa é contra a propria Russia. O financismo inglez, o mais despudorado, cruel e resistente, concebeu o plano de matar o comunismo em seu maior reduto. Exterminado o maximismo russo exterminado estaria, virtualmente, em toda a parte. O resto se obteria com tagantadas rijas dos demais feitores em cada fazendola.

Desgraçadamente para eles, já se vão dois anos de esforços improficuos. Petrogrado não se rende, Kronstadt não capitulou, Koltchak levou a breca, Denikine recua em toda a linha, Yudenitch está perdido e a Inglaterra dos lordes orgulhosos se humilha ás concessões sistematicamente recusadas até hoje. O *home-rule* para a Irianda é eloquentissimo. Peor de tudo é que a burguezia internacional não pode arregimentar homens contra os russos. O proletariado francez, inglez, italiano, se recusa nobremente a isso e os soldados alemães se passam com armas e bagagens para os exercitos vermelhos.

Não ha duvida. A obra dá revolução franceza se completa. Para conseguir-se a *fraternidade moral* dos homens é forçoso obter-se não a igualdade politica, mas a *igualdade economica*, segundo pretendiam os *sans-culottes* de 89.

O comunismo anarquico nos vem trazer essa fraternidade, mudando o regimen de *concorrencia* em regimen de *cooperação*.

Só um milagre poderia impedir hoje essa transformação. E os milagres são do tempo antigo.

José Oiticica

Bloco revolucionario

Na sua carta a Longuet, enviada de Moscou em 17 de Janeiro deste ano, assim se exprime o capitão Sadoul, em relação á solidariedade de todos os partidos socialistas russos em torno dos bolchevistas, na defeza da Revolução:

«Quanto aos diversos socialistas, percebendo que não sómente o bolchevismo, mas todas as conquistas da Revolução estão ameaçadas pela burguezia aliada, todos eles se uniram em torno dos bolchevistas. Esta aliança, cujas consequencias politicas são desde já consideraveis, pareceria impossivel ha seis mezes atraz. Sabe-se do esplendido isolamento dos bolchevistas, que o suportavam, de resto, admiravelmente. O odio dos aliados conseguiu o milagre, contribuindo enormemente para a salvação da Revolução. Certo, uma tal união parece deixar intactas as diferenças de programa, realizada que foi com o fim principal de crear um bloco compacto contra o invasor. Ela creou, no entanto, o habito do trabalho em comum, o que deve necessariamente aproximar os anti-sovietistas dos sovietistas. Sobre a necessidade da aliança com os bolchevistas, suponho tenham chegado á França, em tempo, as sensacionaes declarações dos social-democratas internacionalistas, dos menchevistas, dos anarquistas, dos antigos socialistas revolucionarios da direita. Unicamente se abstiveram, como é bem de ver, os partidarios do antigo regimen, os homens da direita e os cadetes, quer dizer, os monarquistas. E não se trata de manifestações individuaes, mas de solenes manifestações dos Comités centraes das organizações e dos partidos.»

Cartas na mesa!

No seu recente discurso em Strasburgo, o Sr. Clemenceau dedicou longas palavras ao problema russo. Já se sabe em que sentido: prégando a guerra santa do capitalismo contra o bolchevismo. Como prova da sinceridade do governo francez na aplicação do principio fundamental da grande guerra — a livre determinação dos povos—não ha melhor nem mais positivo documento.

Mas é excelente que as coisas sejam assim claramente estabelecidas. As situações e as atitudes se precisam, com inconfundivel nitidez, e cada qual tomará o partido que deve tomar. Não ha mais meios termos: ou pela burguezia ou pelo proletariado.

O Sr. Clemenceau apela para uma nova União Sagrada dos partidos francezes contra o "inimigo comum". Os demais governantes burguezes do mundo farão, já estão fazendo o mesmo. Nos paizes beligerantes de um lado e doutro, na liberal Inglaterra, na democracia Americana, como na social-patriotica Germania, e tambem nos paizes neutros, a União Sagrada se solidificará, sob o comando unico da Agiotagem Internacional, e todos combaterão com unhas e dentes o "inimigo comum" — o bolchevismo externo e interno.

Ora, contra a União Sagrada das burguezias — a União Vermelha dos proletariados. Contra a pirataria capitalista internacional — o sovietismo obreiro internacional. Contra a dictadura burgueza — a dictadura proletaria. Não ha soluções intermedias, nem panos quentes contemporizadores. Ou pela Reação ou pela Revolução!

Cunhambebe

Lição dos tempos

Ha poucos dias um telegrama de Ouro Preto noticiava o seguinte facto: em excavações feitas em determinado edificio daquela cidade, encontrou-se um exemplar da Constituição Americana, rubricada por Claudio Manuel da Costa, e que serviu na Conjuração Mineira de 1792. Esse exemplar foi comovidamente recolhido como documento historico precioso...

A lição dos tempos... Em 1792, os exemplares semelhantes encontrados pelas autoridades da epoca, defensoras da Ordem, foram pelo menos queimados. O que aconteceu aos conspiradores que deles se serviam como base do seu programa revolucionario, é sabidissimo: Tiradentes foi enforcado e esquartejado, Claudio Manuel e os outros foram encarcerados, como desordeiros e criminosos, amaldiçoados e infamados, seguindo uns para o degredo, outros apodrecendo na prisão, outros salvando-se pelo suicidio. Hoje todos esses homens são glorificados e exaltados como os martires precursores da independencia do Brazil. E um exemplar da Constituição Americana, que o acaso fez escapar ao fogo da Ordem e da Autoridade, é agora piedosamente recolhido e guardado como preciosidade inestimavel...

Ora, daqui a cem anos, quando os revolucionarios sociaes de hoje, perseguidos, maltratados e infamados pelos defensores da Ordem actual, forem considerados os martires precursores da libertação do Brazil, não será dificil que o caso se repita; e algum exemplar perdido da Constituição dos Soviets, encontrado por acaso, será então piedosamente e comovidamente recolhido e guardado...

Lição dos tempos— que só os governantes não comprehendem!

Maximo X.

A sociedade deve organisar-se por fórma que a felicidade de uns se não faça á custa das desgraças dos outros; por fórma que cada um encontre o seu bem estar no de todos e vice-versa. — *EMILE JANVION.*

A democracia burgueza e a democracia proletaria

Relatorio de Lénine apresentado ao Primeiro Congresso da Internacional Comunista, reunido em Moscou, em março de 1919.

I

Temendo a extensão crescente, em todos os paizes, do movimento revolucionario do proletariado, a burguezia e os seus agentes nas organizações operarias hão empregado os mais vehementes esforços por encontrar argumentos politicos ideologicos em favor da dominação dos exploradores.

Um dos mais correntes é esse que consiste em condenar a dictadura e defender a democracia. A mentira e a hipocrisia de um tal argumento, mil vezes repetido pela imprensa capitalista e pela Conferencia da Internacional amarela de Berna, em fevereiro de 1919, são evidentes para quantos não querem trahir as doutrinas essenciaes do socialismo.

II

Antes de tudo, este argumento se basêa sobre as noções da «democracia em geral» e da «dictadura em geral», sem questionar de que classe se trata. Colocar assim a questão, fóra ou acima do ponto de vista de classes, como si fôra o ponto de vista da nação em geral, é evidentemente zombar dos principios do socialismo, e notavelmente da doutrina da luta de classes, que os socialistas passados ao campo burguez reconhecem em palavras, mas esquecem de facto.

Com efeito, em nenhum paiz capitalista existe a «democracia em geral»; o que existe é uma democracia burgueza. E o de que se trata não é de «dictadura em geral», mas da dictadura da classe oprimida, do proletariado, sobre os opressores e os exploradores, sobre a burguezia, a fim de esmagar a resistencia oposta por esta em defeza da sua dominação.

III

A historia nos ensina que jamais uma classe oprimida chegou ao poder e poude alcançal-o sem passar por um periodo de dictadura, quer dizer, pela conquista do poder politico e a supressão, pela força, da resistencia desesperada, furiosa e implacavel sempre oposta pelos opressores.

A burguezia, cuja dominação é hoje defendida pelos socialistas que falam da «dictadura em geral» e que se fazem os campeões da «democracia em geral», a burguezia conquistou o poder, nos paizes civilizados, por uma serie de revoltas, de guerras civis, pela supressão violenta da monarquia, do fendalismo, do regimen dos servos e de todas as tentativas de restauração. Mil e mil vezes, os socialistas de todos os paizes, nos seus livros e nas suas brochuras, nas resoluções dos seus congressos e nos seus discursos de propaganda, hão demonstrado ao povo o caracter de classe dessas revoluções burguezas, dessa dictadura da burguezia.

Assim, a defeza actual da democracia burgueza sob a fórma de discursos sobre a «democracia em geral», e os gritos e protestos contra a dictadura do proletariado sob a fórma de protestos contra a «dictadura em geral», constituem uma nitida traição ao socialismo, uma verdadeira deserção para o campo da burguezia, uma negação do direito que assiste ao proletariado de fazer a sua revolução proletariana, enfim, uma defeza do reformismo burguez justo no momento historico em que o reformismo burguez abriu bancarrota no mundo inteiro, e em que a guerra criou uma situçaã revolucionaria.

IV

Estudando o caracter de classe da civilização burgueza, da democracia burgueza, do parlamentarismo burguez, todos os socialistes faziam resaltar a idéa, já formulada com a maior exactidão cientifica por Marx e Engels, segundo a qual a republica burgueza, ainda a mais democratica, não passa de um instrumento de opressão da classe operaria pela classe burgueza, da massa dos proletarios por um punhado de capitalistas.

Entre esses que agora clamam contra a dictadura e pela democracia, não ha um só revolucionario, um só marxista, que não haja solenemente jurado aos operarios reconhecer esta verdade fundamental do socialismo. Hoje, quando o proletariado, em plena agitação, se lança no movimento que deve destruir esse instrumento de opressão e instituir a dictadura do proletariado, os traidores do socialismo apresentam a situação como si a burguezia houvesse dado aos trabalhadores a "democracia pura", como si, renunciando á resistencia, ela estivesse pronta a submeter-se á maioria dos trabalhadores, e como si na republica democratica o aparelho do Estado não tivesse por fim a opressão do trabalho pelo capital.

V

A comuna de Pariz, tão celebrada por quantos querem ser considerados como socialistas (porque subem que ela suscita nas massas operarias uma ardente e sincera simpatia), mostrou, com particular evidencia, o arbitrio historico e o valor muito relativo do parlamentarismo burguez e da democracia burgueza, instituições que marcavam um enorme progresso em relação ao estado de coisas da idade media, mas que hoje, na epoca da Revolução proletariana, devem ser radicalmente modificadas. E foi justamente Marx quem melhor apreciou a importancia historica da Comuna, foi ele quem provou, ao fazer a sua analise, o caracter opressor da democracia burgueza e do parlamentarismo burguez, que apenas concedem aos oprimidos o direito de escolher, de anos em anos, os membros da classe possuidora que deverão representar e esmagar o povo no Parlamento. E é precisamente agora, quando o movimento sovietista, estendendo-se ao mundo inteiro, continúa, aos olhos de todos, a obra da Comuna, é neste mesmo momento que os traidores do socialismo olvidam a experiencia e as lições praticas da Comuna de Paris, e ainda repetem a velha rapsodia burgueza sobre a "democracia em geral". A Comuna foi uma instituição não-parlamentar.

VI

A importancia da Comuna reside, por outro lado, no seu esforço por abater e destruir fundamentalmente todo o aparelho do Estado burguez: o funcionarismo, a justiça, o exercito, a policia, e substituil-o pela organização autonoma das massas operarias, sem a divisão dos poderes em legislativo e executivo. Todas as Republicas democraticas burguezas contemporaneas, e entre elas a Republica alemã, que os falsos socialistas qualificam de proletariana, com desprezo da verdade, todas essas Republicas conservam o apparelho do Estado burguez. E' uma nova prova evidente de que os apelos para a defeza da «democracia em geral» não são, de facto, outra coisa que a defeza da burguezia e dos seus privilegios de opressão.

VII

A «liberdade de reunião» pode ser citada como exemplo das exigencias da «democracia pura». Todo operario consciente, que não tenha rompido com a sua classe, comprehenderá desde logo que seria absurdo prometer aos opressores a liberdade de reunião, no momento e nas circumstancias actuaes, quando eles resistem ás tentativas feitas com o fim de os derrubar, e quando eles defendem os seus privilegios. Nem na Inglaterra, em 1649, nem na França, em 1793, a burguezia, quando era revolucionaria, jamais concedeu liberdade de reunião aos monarquistas e aos aristocratas, que chamavam em seu socorro as tropas estrangeiras e se «reuniam» para organizar tentativas de restauração. Si a burguezia actual, que se tornou desde muito reacionaria, pede ao proletariado que lhe assegure de antemão a liberdade de reunião, sem levar em linha de conta a resistencia capitalista á expropriação, os operarios não poderão deixar de zombar da hipocrisia burgueza.

Por outro lado, os operarios sabem perfeitamente que na Republica burgueza, ainda a mais democratica, a «liberdade de reunião» não passa de uma palavra vasia, pois que só os ricos dispõem dos melhores edificios publicos e privados, gozam de lazeres suficientes e da proteção do apalho governamental burguez: os proletarios das cidades e dos campos, quer dizer, a maioria esmagadora da população, não têm nenhuma dessas tres vantagens. Ora, numa tal situação, a «iguaidade», isto é, a «democracia pura» não passa de um embuste. Para conquistar a igualdade verdadeira e para realizar, de facto, a democracia dos trabalhadores, antes de tudo é necessario privar os opressores dos seus sumptuosos edificios publicos e privados; é necessario desde logo facultar aos trabalhadores os vagares suficientes; é necessario que a liberdade de reunião seja assegurada pelos operarios armados e não pelos filhos da aristocracia ou pelos oficiaes capilistas comandando soldados embrutecidos.

Sómente depois de taes transformações será legitimo, sem zombar dos trabalhadores, dos pobres, falar da liberdade de reunião e da igualdade. Mas essas transformações não poderão ser operadas sinão pela vanguarda dos trabalhadores, pelo proletariado, após o esmagamento dos opressores, da burguezia.

VIII

A «liberdade de imprensa» é outro dos principios essenciaes da «democracia pura». Mas sabem os operarios e sabem os socialistas de todos os paizes que essa liberdade é e será uma burla, emquanto as melhores tipografias e os maiores stocks de papel forem açambarcados pelos capitalistas, e emquanto a imprensa se mantiver sob o poder capitalista, poder que se mostra tanto mais claramente, mais brutalmente, mais cinicamente, quanto mais desenvolvidos são o democratismo e o regimen republicano, como é o caso da America.

Para obter a igualdade efectiva e a democracia verdadeira dos trabalhadores—dos operarios e camponezes—é preciso primeiro privar os capitalistas da possibilidade de empregar os escritores ao seu serviço, de comprar as casas editores e de corromper os jornaes. Para isso é necessario suprimir o jugo do capitalismo, desapossar os opressores e domar a sua resistencia. Os capitalistas sempre chamaram «liberdade»—para os ricos, a liberdade de realizar os seus lucros, e para os trabalhadores, a liberdade de morrer de fome.

A liberdade de imprensa, para os capitalistas, é a liberdade que têm os ricos de comprar a imprensa, de fabricar e falsificar a pretensa opinião publica. Os defensores da "democracia pura" se revelam ainda como os defensores de um dos

sistemas mais baixos e mais abjectos de dominação dos ricos sobre os orgãos de educação das massas: são impostores que, por meio de belas frases elegantes e enganadoras, desviam o povo da realização dessa tarefa historica, que é libertar a imprensa do jugo capitalista.

A liberdade e a igualdade reaes só poderão ser asseguradas pelo regimen comunista, que não permitirá a ninguem enriquecer á custa dos outros, que impedirá materialmente a submissão da imprensa por meio do dinheiro, quer directamente ou indirectamente, e onde cada trabalhador ou grupos iguaes de trabalhadores terão e realizarão direitos iguaes ao uso das tipografias e dos stocks de papel, que pertencem á comunidade.

IX

A historia dos seculos XIX e XX já nos mostrou, mesmo antes da guerra, o que representa de facto a "democracia pura" sob o regimen capitalista. Os marxistas sustentaram sempre que, tanto mais avançada e "pura" é a democracia, quanto mais aguda e implacavel se torna a luta de classes, e quanto mais "puramente" se manifesta a opressão do capital e a dictadura da burguezia. O caso Dreyfus na França republicana, as repressões contra os grévistas, por meio de mercenarios armados, na livre e democratica Republica dos Estados Unidos, esses factos e milhares de outros revelam esta verdade: que nas republicas mais democraticas, por mais que a burguezia o dissimule, reinam de facto o terror e a dictadura da burguezia, que se manifestam abertamente cada vez que os opressores sentem ou presentem que o poder do capital começa a abalar-se (1).

X

A guerra imperialista de 1914-1918 revelou definitivamente, mesmo aos operarios menos conscientes, o verdadeiro caracter da democracia burgueza, ainda nas republicas mais livres: dictadura da burguezia. Para enriquecer alguns grupos de milionarios alemães ou inglezes, mataram-se dezenas de milhões de homens, e a dictadura militar da burguezia se estabeleceu nas mais livres republicas. Esta dictadura militar continúa nos paizes da Entente, mesmo após a derrota da Alemanha. Justamente foi a guerra que, mais que qualquer outra coisa, abriu os olhos dos trabalhadores, e, despojando a democracia burgueza dos seus falsos ornamentos, mostrou ao povo o sorvedouro imenso da especulação e do mercantilismo desenvolvidos no decorrer do monstruoso conflicto. Foi em nome da liberdade e da igualdade que a burguezia conduziu a guerra, e foi em nome da liberdade e da igualdade que os fornecedores militares realizaram fortunas inauditas. Nenhum esforço da Internacional amarela de Berna conseguirá ocultar ás massas o caracter espoliador, hoje definitivamente desmascarado, da liberdade burgueza, da igualdade burgueza, da democracia burgueza.

XI

No paiz capitalista mais desenvolvido da Europa, na Alemanha, os primeiros mezes da plena liberdade republicana, obtida pelo esmagamento da Alemanha imperialista, já mostraram aos operarios alemães e do mundo inteiro qual é o verdadeiro caracter de classe da Republica democratica burgueza. O assassinio de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburg é um acontecimento de importancia historica mundial, não sómente porque um fim tão tragico tenha atingido os melhores chefes da verdadeira Internacional, da Internacional proletariana e comunista, mas porque isso veio desmascarar inteiramente o caracter essencial de classe do Estado mais desenvolvido da Europa (poder-se-ia dizer, sem exagero, o mais desenvolvido do mnndo). Si pessoas aprisionadas, quer dizer, detidas pela autoridade do Estado e sob sua protecção, puderam ser massacradas impunemente por oficiaes e capitalistas, na vigencia de um governo de socialistas patriotas, só se pode concluir que a Republica, onde semelhante coisa foi possivel, nada mais representa que a dictadura da burguezia.

Quantos mostram indignação pelo assassinio de Liebknecht e de Rosa Luxemburg, mas não comprehendem esta verdade, esses ou são muito curtos de vistas ou refinados hipocritas. A «liberdade», numa das mais livres republicas do mundo, na Republica alemã, não é mais que isto: a liberdade de matar impunemente os chefes do proletariado, depois de presos. E não pode ser de outro modo emquanto dure o capitalismo, porque o desenvolvimento do democratismo não atenúa, antes aviva a luta de classes, a qual, em consequencia dos resultados e das influencias da guerra, chegou agora ao paroxismo.

Em todo o mundo civilizado, actualmente, expulsam-se, perseguem-se, encarceram-se os bolchevistas, como é o caso da Suissa, uma das mais livres republicas burguezas, emquanto que na America se chega até a organizar contra eles verdadeiros pogromes. Do ponto de vista da «democracia em geral», ou democracia pura, torna-se verdadeiramente comico que os paizes civilizados, democraticos e armados até aos dentes, temam a presença de algumas dezenas de pessoas idas da Russia atrazada, esfomeada e arruinada, que os jornaes burguezes de altas tiragens tratam de selvagem, de criminosa, etc. E' evidente que as condições sociaes que puderam crear semelhantes anomalias não significam outra coisa que não isto: dictadura da burguezia.

XII

Num tal estado de coisas, a dictadura do proletariado se torna não apenas legitima, como um meio de esmagar os opressores e de suprimir a sua resistencia, mas ainda uma necessidade absoluta para a massa dos trabalhadores, como o unico meio de defeza contra a dictadura da burguezia, que provocou e dirigiu a guerra e que prepara novas guerras. O que é essencial, e que os socialistas não comprehendem, com a sua miopia teorica, a sua submissão aos preconceitos burguezes e a sua traição politica ao proletariado, é que, na sociedade capitalista, á menor agravação séria da luta de classes, base desta sociedade, não pode haver meio termo entre a dictadura da burguezia e a dictadura do proletariado. Todo sonho de uma terceira solução intermediaria não passa de lamentação reacionaria e aburguezada. Temos a prova disso na experiencia do longo desenvolvimento da democracia burgueza e do movimento operario em todos os paizes civilizados, e sobretudo na experiencia destes ultimos cinco anos. Temol-a ainda em toda a ciencia da economia politica, ensinada pela doutrina inteira do marxismo, que demonstrou a necessidade economica fatal da dictadura da burguezia, para a gestão dos negocios, dictadura que não pode ser suprimida sinão pela classe que se desenvolveu, engrandeceu e se reforçou com o proprio desenvolvimento do capitalismo, isto é, pela classe dos proletarios.

XIII

Uma segunda falta teorica e politica dos socialistas consiste em que eles não comprehendem que as fórmas da democracia se modificaram fatalmente, no decorrer dos seculos, á medida que uma classe dirigente se substituia por uma outra. Nas velhas republicas da Grecia, nas cidades da Idade Media, nos paizes capitalistas avançados, em cada uma dessas epocas, revestiu-se a democracia de fórmas diferentes e de graus diversos de extensão. Seria o maior absurdo pensar que a revolução mais profunda na historia da humanidade, o primeiro exemplo de transferencia do poder da minoria dos opressores para a maioria dos oprimidos possa operar-se dentro dos velhos moldes da antiga democracia burgueza e parlamentar, possa produzir-se sem ruptnras violentas, sem crear novas fórmas de democracia, novas instituições e novas condições de realisação.

XIV

A dictadura do proletariado se assemelha á dictadura das outras classes no seguinte ponto: ela dimana, como todas as dictaduras, da necessidade de esmagar pela força a resistencia da classe que perdeu a hegemonia politica. Mas ha, entre a dictadura do proletariado e a dictadura das outras classes, a dos senhores da Idade Media, a da burguezia em todos os paizes capitalistas civilisados, esta diferença radical: a dictadura dos senhores e da burguezia era o esmagamento, pela força, da resistencia da enorme maioria da população, a saber, dos trabalhadores. Ao contrario, a dictadura do proletariado é o esmagamento, pela força, da resistencia dos opressores, a saber, de uma minoria insignificante da população, dos proprietarios territoriaes e dos capitalistas.

Resulta deste facto que a dictadura do proletariado deve trazer comsigo, fatalmente, não só uma modificação das fórmas e das instituições da democracia em geral, mas ainda modificações taes que permitam uma extensão, até hoje desconhecida, da pratica da democracia pelos oprimidos do capitalismo, isto é, pelas classes laboriosas.

E efectivamente, a fórma da dictadura do proletariado que já se acha praticamente elaborada: o poder dos Soviets na Russia, o Ræte-system na Alemanha, o Shop-steward's Commitees na Inglaterra e outras instituições sovietistas analogas noutros paizes, tudo isso realiza, precisamente, para as classes laboriosas, quer dizer, para a maioria esmagadora da população, a possibilidade pratica de usar dos direitos e das liberdades democraticas, o que nunca se verificou, mesmo parcialmente, nas melhores e mais democraticas republicas burguezas.

A essencia do poder sovietista consiste neste facto: que a base constante e unica de toda a autoridade do Estado, de todo o aparelho governamental, assenta da organisação em massa das classes que viviam sob o jugo do capitalismo, isto é, os operarios e os meio proletarios (os camponezes que não exploram o trabalho de outrem e que vendem parcialmente a sua força manual).

São precisamente estas massas que, mesmo nas republicas burguezas mais democraticas, tinham direitos iguaes perante a lei, mas de facto, graças ás restricções de toda a sorte, se mantinham afastadas da vida politica e do uso dos direitos e das liberdades democraticas; elas agora são chamadas a participar constantemente, directamente, e de modo decisivo, da direção democratica do Estado.

XV

A igualdade dos cidadãos, sem distinção de sexo, de religião, de raça, de nacionalidade, que a democracia burgueza sempre e por toda a parte prometeu sem jamais tornal-a realidade (e não podia realizal-a sob o regimen do capitalismo), realiza-a agora, de pronto e plenamente, o poder dos Soviets, ou por outra, a dictadura do proletariado, porque só o poder dos trabalhadores pode realizal-a, pois que os trabalhadores não têm interesse na existencia da propriedade privada dos meios de produção, nem na existencia da luta pela sua distribuição e consumo.

XVI

A velha democracia, a democracia burgueza e o parlamentarismo eram orgãos que pela sua mesma natureza afastavam as massas trabalhadores da administração do Estado. O poder dos Soviets, isto é, a dictadura do proletariodo, ao contrario, está constituido de maneira a aproximar as massas da administração do Estado. Este mesmo fim é atingido pela reunião dos poderes legislativo e executivo na organisação dos Soviets e na substituição das circumscrições eleitoraes territoriaes pelas unidades industriaes, como as usinas e as fabricas.

XVII

O exercito é um instrumento de opressão não somente na monarquia como tambem sob o regimen das republicas burguezas mais democraticas. Unicamente o poder dos Soviets, que é a organização governamental nas mãos das classes oprimidas pelo capitalismo, é capaz de abolir a submissão do exercito ao comando da burguezia e capaz de efectivamente fundir o proletariado com o exercito, realizando de facto o armamento do proletariado e o desarmamento da burguezia, sem o que se tornaria impossivel a victoria do socialismo.

XVIII

A organização sovietista do Estado se acha adaptada á função dirigente que cabe ao proletariado, como classe mais concentrada e mais esclarecida por efeito mesmo do regimen capitalista. A experiencia de todas as revoluções e de todas as sublevações das classes oprimidas, a experiencia do movimento socialista internacional nos ensina que só o proletariado é capaz de unir e empolgar os elementos dispersos e atrazados da população trabalhadora e explorada.

XIX

Só a organização sovietista do Estado é capaz de subverter de um golpe e de destruir definitivamente o velho aparelho burguez do funcionarismo, que se conservou e devia fatalmente conservar-se sob o regimen capitalista, mesmo nas republicas mais democraticas, e que constituia o maior obstaculo á realização da democracia dos trabalhadores. A Comuna de Paris deu o o primeiro passo de importancia historica mundial neste sentido, e o poder dos Soviets deu o segundo passo.

XX

A supressão do poder do Estado é o fim que visam e visaram todos os socialistas, com Marx á frente. Sem a realização deste fim, a verdadeira democracia, quer dizer, a igualdade e a liberdade são irrealizaveis. Ora, este fim não pode ser atingido, na pratica, sinão pela democracia dos Soviets, por outras palavras, pela democracia proletaria, porque, chamando as organizações colectivas dos trabalhadores á participação constante e directa na administração do Estado, ela prepara imediatamente a supressão total do Estado, qualquer que ele seja.

XXI

A bancarrota completa dos socialistas reunidos em Berna e a sua incomprehensão total da nova democracia, da democracia proletaria, se revelaram particularmente pelos factos seguintes:

A 10 de fevereiro de 1919, Branting encerrava, em Berna, a Conferencia da Internacional amarela. A 11 de fevereiro de de 1919, o jornal dos delegados á Conferencia, a *Freiheit*, publicava em Berlim um apelo ao proletariado em nome do partido dos «independentes». Nesse apelo se reconhece o caracter burguez do governo de Scheidemann, atacando-se-lhe por querer abolir os Conselhos, que são chamados «os sustentaculos e os protectores da Revolução», e propõe-se legalisar os Conselhos, conceder-lhes o direito de suspender as decisões da Assembléa Constituinte e submeter as questões do momento a um referendum popular. Uma tal proposição equivale á bancarrota completa dos teoricos que defendiam a democracia e não comprehendiam o seu caracter burguez.

A absurda tentativa de combinar o sistema dos Soviets, isto è, a dictadura do proletariado, com a Assembléa Constituinte, o que vale dizer com a dictadura da burguezia, desvenda até ao fundo a pobreza intelectual dos socialistas e dos social-democratas amarelos, a sua politica reacionaria de aburguezados, e as suas concessões temerosas á força irresistivelmente empolgadora da democracia proletaria.

XXII

Condenando o bolchevismo, sem comtudo ousar emitir um voto de condenação formal, por medo das massas operarias, a maioria da Internacional amarela de Berna agiu inteiramente de acôrdo com o ponto de vista de classe. Essa maioria se manifesta plenamente conforme com os menchevistas e os social-democratas russos e com os Scheidemann na Alemanha. Os menchevistas e os social-democratas russos, que se queixam de serem perseguidos pelos bolchevistas, esforçam-se por ocultar o facto de que taes perseguições são devidas á sua participação na guerra civil ao lado da burguezia contra o proletariado. Exactamente do mesmo modo, Scheidemann e o seu partido participaram da guerra civil ao lado da burguezia contra os trabalhadores.

E' pois perfeitamente natural que a maioria dos delegados á Internacional amarela de Berna se tenha pronunciado pela condenação dos bolchevistas. Trata-se não da defeza da "democracia pura", mas da auto-defeza de pessoas que sabem e sentem que na guerra civil estão do lado da burguezia contra o proletariado.

Eis porque, do ponto de vista de classe, não se pode deixar de julgar como logica a decisão da maioria da Internacional amarela.

O proletariado, por sua vez, não deve temer a verdade, mas antes deve fazer-lhe frente cara cara e tirar deste facto todas as suas consequencias politicas.

LÉNINE.

---

(1) Como vemos actualmente, a burguezia brazileira faz agora os maiores esforços para comprovar estes conceitos lapidares de Lénine... (*N. do T.*)

A obra nefanda da imprensa burgueza

Não posso deixar de pensar que toda a historia dos ultimos quatro anos teria sido inteiramente diversa si os jornalistas não houvessem trahido a sua função, perfeitamente simples e honrosa, que é a de relatar a verdade.

Seria de certo impossivel á diplomacia secreta realizar os seus terriveis conluios, sem a deploravel assistencia dos jornalistas.

Imaginai o que seriam hoje as relações deste paiz com a Russia, si os correspondentes dos jornaes inglezes se houvessem contentado em relatar simplesmente os factos, ao envez de se considerarem como embaixadores, e encarregados de missões politicas nomeados por si proprios.

Até hoje, graças aos artigos enganadores da maioria dos correspondentes britanicos e francezes, os publicos francez e britanico não fazem a menor idéa do estado de espirito verdadeiro e das concepções da democracia revolucionaria na Russia, nem da sua atitude na questão da guerra e da paz.

Michael S. Farbman.

(Do livro «Russia and the struggle for Peace».)

O que é a Republica dos Soviets

A constituição dos Soviets, na sua fórma actual, nasceu da pratica que o desenvolvimento do poder democratico revolucionario levou a adotar. Ela tem sido varias vezes modificada nos seus pormenores, certos orgãos da maquina têm sido reajustados, mas creio que nem os adversarios, nem os partidarios do Governo dos Soviets poderão opôr objeções sérias á exposição que passo a fazer.

Cada operario, cada camponez, cada trabalhador, na Russia, tem o direito de voto para eleger os membros do Soviet local, composto de um numero de representantes proporcional ao numero de eleitores. Os Soviets locaes escolhem os seus delegados á Assembléa Pan-russa dos Soviets. Esta Assembléa Pan-russa elege a Comissão Central Executiva, á razão mais ou menos de um delegado para cada cinco membros. Esta C. C. E. nomeia, fiscaliza e revoga os Comissarios do Povo, que formam o governo actual; todos os decretos importantes são apresentados á C. C. E. antes de serem promulgados pela Comissão dos Comissarios do Povo.

A cada nova reunião da Assembléa, Pan-russa dos Soviets, a C. C. E. demite-se automaticamente e a Assembléa aprova ou desaprova o que foi feito pelos seus representantes e pela Comissão dos Comissarios do Povo durante o periodo decorrido desde a Assembléa anterior. Elege-se a nova C. C. E. cujas tendencias correspondem exactamente ás que predominam, na Assembléa, de sorte que o orgão de fiscalização reflecte constantemente o sentimento dos eleitores.

No que concerne ás eleições locaes, não ha nenhuma regra: delegados são afastados, outros os substituem, tudo isso obedecendo inteiramente á vontade dos eleitores locaes. Preserva-se assim o paiz do perigo de ser governado pelos fantasmas das suas opiniões mortas, e por outro lado, desde que perderam o direito de dirigir, esses fantasmas são expeditamente inutilizados.

De acôrdo com a constituição dos Soviets, os legisladores estão sempre em intimo contacto com o povo, e o povo, de facto e não apenas em teoria, é o seu proprio legislador. Da mesma fórma a constituição estabelece, em sentido inverso, estreitas comunicações. O atomo mais afastado da periferia influe sobre o centro; o centro, por intermedio dos Soviets, age sobre os atomos da periferia. A instituição dos Soviets resume-se em que os menores actos da Comissão dos Comissarios do Povo são julgados em cada Soviet local, dum ponto de vista local e interpretados conforme as condições locaes. Nenhuma outra fórma de governo poderia facultar a um paiz gigantesco e diverso como a Russia (com os seus climas varios e as suas raças multiplas, com as suas planicies, com as suas estepes, com as suas montanhas selvagens) a inteira autonomia local de interpretação, de que ela tem necessidade. O camponez do Caucaso, o cosaco do Ural, o pescador do Yenisei sentam-se lado a lado na Assembléa Pan-russa, mas eles sabem que as leis, cujos principios aprovam, não são laços de ferro que, frouxos para uns, estrangulam outros: são, sim, instrumentos que cada Soviet local pode ajustar á sua maneira, de conformidade com as necessidades especiaes da sua propria comunidade.

Acha-se assim a constituição particularmente adaptada ás necessidades da Russia. Ela é tambem particularmente favoravel ao periodo revolucionario. Ela assegura a dictadura á classe que se revoltou; esta dictadura é necessaria, pois que se não pode esperar, dos membros da classe á qual se arrancou o poder, uma assistencia sincera na obra do seu proprio esmagamento. Os democratas dos outros paizes, como os democratas da Russia, clamam contra a deslealdade que ha em excluir inteiramente a burguezia do poder. Esquecem-se ou antes, não comprehendem que o objectivo da Revolução social consiste em pôr termo á *existencia* de uma classe burgueza, isto é, exploradora, e não sómente em arrancar-lhe o poder das mãos. Si a exploração fica suprimida, não pode haver classe de exploradores, e a fóra do governo, não é sinão um meio de apressar e tornar menos penosa, á propria burguezia, a passagem da sua posição de parasita á posição mais honrosa de trabalhador igual aos companheiros de trabalho. Uma vez abolidos o parasitismo, o privilegio, a exploração, as antigas divisões sociaes que determinavam a luta de classss desaparecerão por si mesmas.

Por motivo de circunstancias faceis de comprehender, deu-se o facto de que todos os estrangeiros testemunhas dos acontecimentos russos pertenciam, nos seus respectivos paizes, ás classes privilegiadas e não frequentavam, na Russia, sinão as classes privilegiadas. Eles experimentaram, por conseguinte, as maiores dificuldades em afastar-se da sua classe para julgar a historia que se desenrolava aos seus olhos.

Os tecnicos enviados pelos pelos paizes da *Entente*, muito menos preocupados com a idéa de estudar a revolução do que lhe indicar o que os aliados desejavam fosse feito, eram homens tambem especiaes, escolhidos para uma determinada tarefa e impedidos, em virtude do seu proprio mandato, de abrir os olhos e o espirito, livremente, como deveram fazer. Mas os socialistas, sobretudo, que sonhavam ha tão longo tempo com a revolução, esbarraram com sérias dificuldades para reconhecer, na luta confusa e violenta que se travava na Russia, essa revolução que os seus sonhos haviam suavizado em visões mais doceis e menos obstinadamente brutaes. Certo, é um facto muito notavel, mas pouco sorprehendente, que, de todos os observadores estrangeiros enviados á Russia, os mais clarividentes e os mais exactos fossem aqueles cuja educação e cujos habitos sociaes mais os mantinham afastados do movimento revolucionario.

Eu não me proponho passar em revista o programa do Governo dos Soviets, nem de empregar estes instantes, que me sobram, a discutir em detalhe os esforços feitos por uma repartição equitativa das terras, as tentativas, extraordinariamente interessantes, por crear, mau grado o horror da fome e da guerra, uma organização economica e industrial que possa facilitar a socialização eventual da Russia. Não me faltaria materia para muitas cartas e apenas tenho tempo agora para redigir uma...

Arthur Ransome.

(Trecho da *Carta á America*, pelo jornalista inglez Arthur Ransome, que visitou a Russia na qualidade de correspondente do *Manchester Guardian*.)

A industria russa antes do bolchevismo

O editor Payot lançou no mercado, sobre a industria russa, uma obra assinada por uma personalidade oficial, membro do Instituto francez de Petrógrado (com séde em Paris, como convem), o sr. Raul Labry.

Este livro é um libelo violento contra os comunistas, uma obra de polemica na qual nem siquer se dissimula a parcialidade. E', pois, com uma confiança sem mescla que nele podemos colher a confissão de que os bolchevistas nunca mataram a industria russa, pela mesma razão que eu não matei Napoleão I: porque a industria russa esteva morta e bem morta em novembro de 1917, quando os Soviets tomaram conta dum paiz, que o tzar e a seguir os democratas tinham, arruinado até nas suas obras mais profundas.

Ninguem o poderá pôr em duvida, depois de ter lido a obra anti-bolchevista do sr. Labry.

Em primeiro lugar, encontramos nela a prova de que a imprensa da direita mente abominavelmente, ao ousar pretender que a Russia se basta a si propria. Nunca assim foi, mesmo nos seus dias mais prosperos.

Assim é que, em 1913, comprava ela ainda no estrangeiro uma parte notavel do ferro fundido e até do carvão de que ela necessitava. Logo em 1914, ao cessarem as importações, ela se viu com um deficit terrivel. Dahi resultou quasi imediatamente, em todo o paiz, uma crise pavorosa: "A industria russa, diz o sr. Labry, achou-se na completa impossibilidade de fornecer de ferro o mercado privado, cuja capacidade em 1915 era de cerca de 48 milhões de pudes. Por esse motivo, já em 1915 a população rural russa lutava com a falta até dos mais simples instrumentos de trabalho, como machados, pás, forcados. Nas cidades, não encontravam os camponezes nem prégos, nem folha de ferro, nem martelos. Por isso diminuiram em toda a Russia as areas semeadas, começando os agricultores a ficar com os seus productos, visto não poderem comprar quasi nada com os seus rublos no mercado das cidades."

Em 1916, já os caminhos de ferro se não acham em estado de garantir os transportes mais necessarios e urgentes: de 29.324 locomotivas que em 1912 possuia, tem a Russia, no dia 1° de novembro de 1916, apenas 16.980 em condições de servir.

A produção das fabricas fica reduzida a pouco mais de metade. O rendimento das minas de carvão baixou 20 %. Dos 58 altos fornos da Russia Meridional, 22 estão parados e os outros 26 trabalham a meio andar.

Mas eis que, em março de 1917, se produz a primeira revolução russa. A burguezia conquista e detem durante perto de dez mezes o poder. No entanto, não cessa de se agravar a situação economica e industrial, acabando de agonizar a industria russa durante aquele periodo.

Não ha transportes: 30 % das locomotivas estão fóra de serviço. "Nos grandes centros ha comboios inteiros abandonados por falta de locomotivas. Moscovia é um verdadeiro cemiterio de vagons. Ha sectores inteiros imobilizados. Não só as fabricas deixaram de receber as materias primas necessarias para a manutenção da sua maquinaria, não só as cidades se veem privadas do seu aprovisionamento, ameaçadas de quasi completa carestia, mas os proprios caminhos de ferro são incapazes de obter o combustivel suficiente para esta exploração mesmo reduzida."

E mais adiante, o sr. Labry, como que a seu pesar, deixa escapar esta confissão que sem duvida lhe foi penosa: «Os bolchevistas não são os unicos culpados da falencia russa». Pudera! já se tinha dado antes deles!

Ora ahi está, segundo um escritor burguez, ferrenhamente anti-comunista, o estado em que o regime bolchevista achou a Russia, o estado em que a puzera o regime pessoal do imperador, e o regime parlamentar da burguezia: as fabricas fechadas, os caminhos de ferro parados.

O imperador e a burguezia tinham levado a cabo esta ruina apezar dos milhões que lhe dava a França, apezar das provisões e socorros que ela lhes enviava. Aos comunistas, que procuravam regenerar esse deserto industrial, não lhes deu ela outro auxilio sinão o bloqueio e a guerra, encurralando-os num paiz arruinado o faminto, constrangendo-os a fabricar canhões em vez de charruas. E ainda ha quem ouse acusal-os de não estar prospera á Russia!

E' na verdade o cumulo!

Não se trata de ser ou deixar de ser bolchevista, nem de lhes apreciar as obras. Trata-se de ser justo na exposição dum facto. O comunismo nada podia ter destruido na Russia, pois já o haviam feito antes dele o tzarismo e a burguezia.

Léon Thoyot.

A imprensa revolucionaria na Russia

Antes da guerra, havia em Petrogrado dois diarios socialistas. Após a revolução de março de 1917, são ás dezenas os diarios que propagam o socialismo.

O jornal fundado por Lénine, «Pravda», ainda no tempo de Kerenski já publicava tiragens diarias de 400 mil exemplares.

Quando lançou a iniciativa da sua creação, Lénine apelou para os operarios de Petrogrado. Estes lhe responderam decidindo consagrar o salario de um dia de trabalho para o novo jornal. E nessa mesma noite, só os operarios das grandes usinas metalurgicas Putiloff entregaram a Lénine perto de 600 contos de réis, em moeda nossa...

Palavras de Clemenceau antes de subir ao poder

«Quando se vê que o governo ultra-autocratico do czar e o governo «democratico» da França sob o Sr. Poincaré obtiveram, ambos de pleno acôrdo, o mesmo resultado—comprometer simultaneamente os dois povos, sem siquer a aparencia duma consulta, em combinações de paz e de guerra ignoradas pelos poderes responsaveis, não podemos deixar de julgar com modestia o resultado das maiores revoluções. Bem claramente se manifesta que o segredo continua sendo a pedra angular de certos governos, chamados de opinião publica.»

(*De* L'Homme Enchaîné)

O espastelamento de "A Plebe"

Os estudantes de direito de São Paulo empastelaram e destruiram as oficinas e a redação de *A Plebe*. Extensos telegramas da imprensa burgueza detalhou-nos o feito heroico...

Durante a gréve do pessoal da Light, na capital paulista, muitos estudantes, filhos do burguez capitalista, patrioticamente solidarios com os capitalistas canadenses proprietarios da poderosa empreza, se ofereceram para substituir os grévistas nos serviços dos bondes.

Ora, *A Plebe*, jornal proletario, comentou o facto como o facto merecia de ser comentado: com algumas rijas palavras contra os crumiros dourados, furadores de gréve, lacaios do capitalismo cosmopolita. Justissimo.

Pois os moços, ofendidos nos seus melindres, tomaram esta desforra heroica, digna da classe a que pertencem: atacaram as oficinas e os escritorios do jornal operario, destruindo valentemente maquinas, caixas de tipos, mesas, cadeiras, armarios, livros, folhetos, jornaes...

Perfeitamente. Tudo isso é naturalissimo. A maxima preocupação intelectual da mocidade burgueza, que estuda direito e outras coisas não menos tortas, consiste na jogatina do foot-ball, quer dizer, no cultivo mental das patas. Todos esses senhorinhos cintadinhos e almofadinhas pensam, sentem e agem pelas patas. Logo, num caso como esse de *A Plebe*, eles só poderiam pensar e agir com as patas. Sua alma, sua palma...

Aviso

Os camaradas que ficaram com ingressos para a conferencia pró «Spártacus», realizada no Centro Cosmopolita pelo jornalista Stefanowitch, e que ainda não satisfizeram as respectivas importancias, poderão fazel-o entregando essas importancias nesta redação.

Os anarquistas no sindicato

Ha quem não se apercebesse ainda do papel que representa o sindicato no presente e do que está destinado a representar no futuro. E' por isso que os que se têm dedicado á organização sindical só têm conseguido efeitos desastrosos, até mesmo contraprodecentes, como eles mesmos o confessam.

Mas os que acham falida a sua ação no sindicato, em vez de procurarem os pontos que colidem com a ação e tactica seguidas até o presente, entregam-se agora á propaganda declamatoria, invectivando contra a inconciencia dos trabalhadores, como se fosse possivel e racional, como pretendem—pelo menos deixam preceber—responsabilizar os trabalhadores pela sua inconciencia!

Barafusta-se contra a nulidade, a nenhuma eficacia da organização! Mas, pergunto eu: porque é ela nula e sem eficiencia? Vejamos: em vez de se estimular a obra de organização na necessidade da luta pelas melhorias imediatas, determinando assim que os trabalhadores adquiram ensinamentos por experiencia propria, abrindo-se-lhes campo ao espirito de iniciativa e assimilação, em vez disto, apresentam-se-lhes problemas cujas soluções não são por eles reclamadas, pois que, não as concebendo, não sentem tambem a sua necessidade, nem se apercebem da razão das mesmas. Desta forma os trabalhadores não têm *vivido* na organização, mas apenas *vegetado*, não podendo, portanto, as energias despendidas corresponderem eficazmente, por girarem, as mais das vezes, não em torno dos limites das questões de momento, mas ultrapassando-os, desviando-se assim as lutas para um campo abstracto.

Devia-se ter pensado primeiro na unificação completa dos trabalhadores, o que se conseguiria fazendo-se interessar-se em deredor de um objectivo imediato, despertando-se-lhes a vontade expontanea e não forçada por iniciativas já alcançadas e não antecipadas, e com isto ter-se-iam creado novas situações, suscitando os factos que importam para despertar o espirito de classe e para eclipsar a obra dos elementos conservadores que, verdade seja, ainda têm o controle de uma boa parte da organização.

Mas os anarquistas no Brazil — permitam-me a franqueza — têm feito obra e propaganda puramente de *importação*, em vez de *nacional*... Erro deploravel que tem acarretado sacrificios inuteis, desperdicio de energias. Temo-nos antecipado aos factos que determinam as situações, isto é, agindo fora do meio ambiente, porque — não tenhamos ilusões — a situação economica do Brazil não é identica nem semelhante á da Europa. O paiz está ainda em desenvolvimento industrial—e isto basta para estabelecer a diferença — ao passo que na velha Europa, a capacidade economica do regimen capitalista está esgotada. Não pretendo, com isto, demonstrar que o Brazil terá que passar pela mesma evolução... Não; longe disso mesmo.

Creio e estou certo de que os golpes que a finança internacional sofrerá com a revolução social Européa, juntamente com a influencia politica, bastará para provocar o desequilibrio economico na America. Mas, até então, devemos agir em conformidade com o meio, esforçando-nos por ter a nitida percepção da marcha dos acontecimentos

Com o congresso operario que se projecta depara-se-nos uma excelente oportunidade para refundir a obra truncada que existe e tomar novas iniciativas que nos conduzam por um caminho atilado, pratico e proficuo.

Mas para isso é necessario que todos façam um estudo consciencioso das condições, meios e circunstancias existentes, para que se munam do indispensavel *tino pratico* que possa imprimir ao congresso um cunho de eficiencia. De contrario será tempo perdido, porque resultarão estereis aos trabalhos do congresso.

Isidoro Augusto

Os maximalistas e os escribas da "Razão"

De todos os jornaes cariocas e, com certeza, de todos os jornaes mundo, aquele que mais danada e azeda bilis tem espectorado contra os maximalistas é, sem duvida, a *Razão*. Dirigido por um energumeno comico e notorio, profeta e papa espirita, semi-louco e pouco menos que analfabeto, esse jornal tem, no entanto, apezar disso, uma tal ou qual popularidade, ganha com algumas campanhas simpaticas. A sua fobia antimaximalista é duplamente odiosa: em si mesma e pelo facto de se espalhar principalmente na massa proletaria, ludibriando-a e envenenando-a. Eu comprehendo e até alegro-me com as injurias, por exemplo, do *Jornal do Comercio*: está no seu papel de folha conservadora.

A *Razão*, porém, se apregoa como um orgam criado especialmente para o povo, para as classes operarias: mente e remente dobrado, por dentro e por fóra, para a direita e para a esquerda... Eu quero reproduzir, para escarmento dos escribas que a redigem, um dos seus muitos topicos contra o maximalismo:

"Porque os taes maximalistas não são apenas uns loucos, incapazes de comprehender a profunda inconveniencia de, em uma hora como esta, provocar agitações politicas. São tambem uns notaveis canalhas, apontados universalmente como agentes alemães e que, além disso, querem suprimir o direito de propriedade na Russia, entregando todas as terras á plebe inconsciente que, levada por essa miragem de ficar rica em poucas horas esquece os altos deveres de defender a Patria, já invadida e em parte dominada pelo estrangeiro. Esses infelizes são dirigidos e guiados por um monstro da ordem de Lénine que se prestou ao papel ignobil de ir abrir as portas da Russia ao mais perigoso de todos os imperialismos o que tem por centro motor a casta dominante na Allemanha militar. Alimentados pelo dinheiro alemão, conduzidos pelos espiões e pangermanistas de Berlim, os maximalistas, conseguindo, por um golpe feliz da fortuna, apoderar-se da Russia não trepidaram ante o crime, ante a infamia descomunal de propor imediatamente a paz em separado á Alemanha, traindo de modo revoltante os aliados, aos quaes jurara o colosso moscovita só agir de concerto com as nações da *Entente*".

Este chorrilho ignominioso de mentiras, de intrigas, de calunias, foi estampado na seção editorial *Factos e Informações* do dia 16 de novembro de 1917, 9 dias após a caida de Kerenski. E' um documento que merece registro e de que nos devemos recordar para as necessarias satisfações, no dia em que a revolução, atravessado o oceano, irrompa justiceira por estas riquissimas terras brazilicas de mizeraveis e famintos...

Alex. Pavel

(Do folheto *a Revolução Russa e a Imprensa*, publicado em fevereiro de 1918.)

40 anos de intensa propaganda

Aos que supõem não estava o povo russo preparado para a revolução, oferecemos esta curiosa estatistice:

Segundo um catalogo organizado por N. Rubakine e V. Burtzeff, editaram-se fóra da Russia, de 1857 a 1905, mais de 2.000 livros e folhetos em russo, na maior parte socialistas. De 1864 a 1905 imprimiram-se nada menos de 1.200 obras em tipografias clandestinas estabelecidas na Russia. Em 1905-1907, durante a primeira revolução, publicaram-se cerca de 60 milhões de brochuras socialistas, sendo 24 milhões social-democraticas, 24 milhões socialistas revolucionarias e 8 a 10 milhões anarquistas. Do *Programa Erfut*, de Karl Kautsky, espalharam-se pelo menos 300 mil exemplarss, em 10 a 15 edições diversas. De *A mulher e o socialismo*, de Bebel, venderam-se pelo menos 10 mil exemplares. As edições das obras de Karl Marx, Lassalle, Bebel, Jaurès, Chichko, Pechekonoff, Plekhanoff, Tchernoff, etc., não têm conta. Um livrinho de Rubakine: *Haverá terra bastante para todos si fosse equitattvamente repartida?* teve 51 edições com uma tiragem global de 500 mil exemplares.

A MENTIRA OFICIAL

O Livro Branco inglez sobre o Bolchevismo

O amor, caça á mulher, a guerra, caça ao homem, e a caça pura e simples foi sempre fonte inexaurivel de mentira. Mas nunca a mentira foi praticada em tão vasta escala, si assim me posso exprimir, como durante a grande guerra, no decorrer da qual atingiu a arte de mentir uma perfeição que lembra os versos de Baudelaire sobre o aborrecimento:

L'ennui, né de la morne incuriosité.
Prend les proportions de l'immortalité!

O mais curioso é que as mentiras foram quasi identicas em todos os paizes beligerantes Cada um deles atribuia ao adversario a culpa da agressão e da guerra.

Todos eles anunciaram a victoria rapida e certa. Todos defendiam a causa da humanidade e da civilização. Todos declaravam os adversarios, a cada instante, exaustos de forças. Todos prometiam aos povos a felicidade na victoria, na gloria e nos lucros. Cada um deles denunciava a barbaria e a má-fé do outro. A' força de mentir, perdeu a imprensa todo o seu credito. O povo combatente que, no teatro da ação, podia verificar bastante bem alguns carapetões graúdos, inventou a frase «atafulhador de craneos», que ha-de ficar como uma das conquistas do espirito humano devidas á guerra mundial. Dir-se-ia que a mentira, feita instituição do Estado, de todos os Estados, alcançara o mais alto grau de perfeição.

Ora, os mentidores oficiais acabam de alargar os limites da mentira possivel. Trata-se precisamente do bolchevismo, cortado pelo bloqueio, esse assassinato colectivo, hipocrita e cobarde, sem risco algum para os assassinos, de mulheres, crianças e outros não-combatentes, e por conseguinte impossibilitado de confundir eficazmente os seus caluniadores.

Recomendamos aos nossos leitores, como monumento da mentira oficial, o *Livro-Branco* inglez intitulado «O Bolchevismo».

Os documentos parlamentares inglezes distinguiram-se sempre pela sua grande seriedade, veracidade e imparcialidade. Todos se lembram de que o imortal autor do *Capital* se serviu dos inqueritos parlamentares provocados por um parlamento burguez para estabelecer o seu formidavel libelo contra o regimen burguez. Desgraçadamente, esta nobre tradição ingleza já pertence ao passado, tal qual a hospitalidade ingleza para os exilados do mundo inteiro.

De dois modos desnatura a verdade o *Livro Branco* sobre o bolchevismo: directamente, contando as fabulas mais ridiculas, como a da socialização das mulheres, e culpando os judeus dos exitos bolchevistas, e sobretudo indirectamente, omitindo de proposito tudo quanto possa explicar o chamado Terror vermelho.

Todos os atentados contra-revolucionarios, todas as crueldades e actos de bestialidade cometidos pela soldadesca contra-revolucionaria desapareceram do documento oficial. Deste modo, os actos de defeza do regimen bolchevista parecem estupidos assassinatos, sem causa nenhuma!

Toda a gente sabe que entre os mais ardentes adversarios do bolchevismo se acham Axelrod, Liber, Martoff, Dan e numerosos cadetes, todos de origem judaica. Estes factos não existem para o Livro Branco inglez. Nenhum documento oficial de anteguerra se rebaixou jamais a tão degradantes mentiras.

E qual a razão de taes mentiras? Um facto entre mil vol-a dará. Ha algum tempo, 400 familias suecas — a Suecia é aliadofila! — cotizaram-se para mandar vir para a Suecia 400 crianças russas famintas. O governo sueco deu a sua autorização. A Cruz Vermelha ofereceu um navio.

Pois o governo inglez ameaçou meter o navio a pique com as crianças. Teve que se pôr de parte a idéa de salvar aqueles inocentes.

E são estes assassinos de crianças que se apresentam como defensores da civilização!

Uma grande potencia que se vê reduzida ao emprego de semelhantes processos acha-se em estado de decomposição. O imperialismo inglez, livre de rivais no Continente, já se não constrange Oprime, esfomeia e assassina povos em todos os continentes.

Felizmente que a classe operaria ingleza desperta.

Proletariado, a pé contra os assassinos! Não é só do bolchevismo que se trata: trata-se da humanidade sem adjetivos.

Charles Rappoport

Pois que a grande imprensa está nas mãos da burguezia, claro é que só os interesses da burguezia póde ela representar e defender. —DEMOFILO.

Breve explicação

Disseram-nos (porque efectivamente não lemos) que Souza Dias, secretario dos Tecelões, publicou na *Razão* um desmentido á afirmação, que aqui fizemos, numa nota, de que existem muitos anarquistas entre os tecelões. Souza Dias retruca que não, que não ha anarquistas entre os tecelões... Admira-nos que Souza Dias tenha dito semelhante coisa. Primeiro, porque a verdade, que continúa de pé, é que ha, entre os tecelões, no Rio, em S. Paulo, em todo o mundo, muitos anarquistas. Segundo, porque precisamente tinhamos Souza Dias nessa conta. Confessamos o nosso engano com referencia a ele, e é tambem possivel que alguns outros, que supomos serem anarquistas, o neguem agora... que as coisas estão pretas. Peor para eles... Mas o facto, que permanece integral, apezar do desmentido de Souza Dias, é que, entre os tecelões cariocas, muitos são os anarquistas. Não queremos citar nomes, mas si fôr necessario, isso não nos custará. Duvida, em consciencia, o ex-camarada Souza Dias? Não pode sinceramente duvidar, porque isso é verdade irrefutavel. Como verdade é tambem que alguns tecelões haverá igualmente que se proclamam anarquistas, mas que de facto o não são. Anarquistas de garganta... Por exemplo, José Pereira de Oliveira. Este pode ser que agora, com medo da cadeia ou da deportação, negue que o tenha afirmado algum dia. Mas não assistiu Souza Dias na séde dos Tecelões, em maio ou junho ultimo, aquela controversia com uns socialistas? E não se recorda de ter Pereira de Oliveira, em altos berros, perante a enorme assistencia, afirmado categoricamente que tambem ele «era anarquista»? Nós acreditaramos um pouco, mas hoje vemos que estavamos enganados, porque esse positivamente não é anarquista. Ah! nestas horas de perseguições e violencias e infamias é que a gente verifica os homens que são homens...

Ouro britanico

O parlamento inglez aprovou, segundo telegrama de hontem, a proposta feita pelo Sr. Churchil de um emprestimo de 15.000.000 de libras a Denikine.

Confirma-se assim plenamente as palavras da proclamação de Trotski ao exercito vermelho, denunciando a finança ingleza como o grande inimigo da revolução russa.

E o mais edificante é ver os patriotas do mundo inteiro baterem palmas ao miseravel Denikine, vendido ao ouro britanico para combater o povo da propria patria...

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

***

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1°, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Posta 1936, Rio de Janeiro.

***

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

***

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

***

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

UM DOCUMENTO

O Primeiro Congresso da Internacional Comunista

Reproduzimos, a seguir, na integra, o manifesto dirigido pelos comunistas russos aos comunistas do mundo inteiro, convocando-os para o Primeiro Congresso da Internacional Comunista que se realizou em Moscou, em Março deste ano. E' um documento desconhecido entre nós e do maior interesse para quem acompanha o movimento revolucionario internacional dos nossos dias.

Caros camaradas:

Os partidos e as organizações abaixo assinadas consideram a convocação do 1.º Congresso da Nova Internacional Revolucionaria como imperiosamente necessaria. Durante a guerra e a revolução patenteou-se definitivamente não só a falencia completa dos velhos partidos socialistas e social-democratas e, por conseguinte, a falencia da 2.ª Internacional, mas tambem a incapacidade dos elementos intermediarios da velha social-democracia (o que se chama o «centro») para as ações revolucionarias activas; ao mesmo tempo, na hora actual, se esboçam nitidamente os contornos da Internacional realmente revolucionaria. A marcha rapida e gigantesca da Revolução mundial, prenhe de problemas nôvos; o perigo, que corre a revolução, de ser estrangulada pela Aliança dos Estados capitalistas, que se organizam contra ela sob a bandeira hipocrita de Sociedade das Nações; as tentativas dos partidos socialistas traidores no sentido de um entendimento mutuo para, após se terem mutuamente anistiado, auxiliar os respectivos governos burguezes a enganar uma vez mais a classe operaria; enfim, a enorme experiencia já adquirida e a internacionalização irresistivel da Revolução, — tudo isso nos leva a tomar a iniciativa de pôr em ordem do dia o exame da convocação do Congresso Internacional dos partidos proletarianos revolucionarios.

Fins e tatica

A nosso ver, a Nova Internacional deve ter por base a aceitação das teses seguintes, que expomos á maneira de plataforma e que são elaboradas segundo o programa da União Spartacista da Alemanha e do Partido Comunista (bolchevista) da Russia:

I. — A época atual marca a decomposição e o craque de todo o sistema capitalista mundial, o que significará o craque da cultura européa em geral, si o capitalismo não fôr esmagado.

II. — O papel do proletariado, na hora atual, consiste na tomada imediata do poder do Estado. Esta tomada do poder consiste na supressão do aparelho governamental da burguezia e na organização nova de um aparelho governamental proletariano.

III. — Este aparelho governamental novo deve incarnar a dictadura da classe operaria (em certas localidades incluindo tambem o meio proletario do campo, isto é, os lavradores pobres); e deve, pois, ser o instrumento da supressão sistematica das classes exploradoras e da sua expropriação.

O tipo do Estado proletariano deve ser, não a falsa democracia burgueza, fórma hipocrita da dominação da oligarquia financeira com a sua igualdade puramente formal, mas a democracia proletariana, que permita realizar a liberdade para as massas trabalhadoras; não o parlamentarismo, mas o auto-governo das massas por intêrmedio dos seus orgãos electivos; não a burocracia capitalista, mas os orgãos de administração, criados pelas proprias massas, com a sua participação real na administração do paiz e na obra socialista construtiva. Fórma concreta: o poder dos Soviets ou organizações similares.

IV. — A dictadura do proletariado deve ser a alavanca da expropriação imediata do capital e da supressão do direito de propriedade privada sobre os meios de produção, que devem ser transformados em propriedade de toda a nação. A socialização da grande industria e dos seus centros organizadores, os bancos; a confiscação das terras dos proprietarios ruraes e a socialização da produção agricola capitalista (comprehendendo-se por socialização a supressão da propriedade privada, a transferencia da propriedade ao Estado proletariano e o estabelecimento da administração socialista pela classe operaria); a monopolização do grande comercio; a socialização das grandes casas nas cidades e dos castelos no campo; a introdução da administração operaria e a centralização das funções economicas nas mãos dos orgãos da dictadura proletariana — tal é a tarefa essencial no momento.

V. — Com o fim de assegurar a defeza da Revolução socialista contra os inimigos interiores e exteriores, e o socorro ás outras fracções nacionaes do proletariado em luta, é necessario desarmar completamente a burguezia e seus agentes, e armar todos os proletarios sem excepção.

VI. — A situação mundial exige, na hora presente, o maximo de contacto entre os diferentes partidos do proletariado revolucionario, bem como o bloco completo dos paizes onde a revolução socialista já está victoriosa.

VII. — O metodo principal da luta consiste na ação das massas do proletariado até ao conflicto aberto, a mão armada, com o poder do Estado capitalista.

Atitude em relação aos partidos socialistas

VIII. — A antiga internacional se dividiu em tres grupos principaes: os social-patrioteiros confessos que, durante toda a guerra imperialista dos anos 1914-1918, sustentaram as respectivas burguezias, transformando a classe operaria em verdugo da revolução internacional; o «centro», com Kautsky como teorico, representando uma agrupação de elementos sempre instaveis, incapazes de uma politica determinada, e mesmo ás vezes composta de verdadeiros elementos de traição; e enfim a ala esquerda revolucionaria.

IX. — Em relação aos socialistas-patrioteiros, que nos momentos mais agudos combatem, de armas na mão, contra a revolução proletariana, não ha sinão aceitar e sustentar uma luta sem quartel. Quanto ao «centro», é necessario captar-lhe os elementos mais revolucionarios, critical-o implacavelmente e desmarcarar os seus chefes. A um certo estadio de desenvolvimento, torna-se absolutamente necessario separar-se dos «centristas» em materia de organização.

X. — E' necessario constituir um bloco com os elementos do movimento operario revolucionario que, sem jamais ter pertencido aos partidos socialistas, se colocam actualmente, em linhas geraes e do ponto de vista da dictadura do proletariado, sob a fórma do poder dos Soviets. Taes são, em primeiro lugar, os elementos sindicalistas do movimento operario.

XI. — Importa emfim reunir todos os grupos e organizações proletarianas que, sem terem participado abertamente do movimento da esquerda e revolucionario, manifestam entretanto, no seu desenvolvimento, tendencias para a esquerda.

XII.—Praticamente propomos que tomem parte no Congresso os representantes dos partidos, dos grupos e das tendencias seguintes (participarão da Terceira Internacional, com plenitude de direitos, os partidos que aceitem plenamente o seu ponto de vista):

1, União Spartacista (Alemanha); 2, o Partido Comunista (Partido Bolchevista, Russia); 3, o Partido Comunista da Austria alemã; 4, o da Hungria; 5, o da Polonia; 6, o da Finlandia; 7, o da Estonia; 8, o da Letonia; 9, o da Lituania; 10, o da Russia Branca; 11, o da Ukraina; 12, os elementos revolucionarios da Social-democracia tcheque; 13, o Partido Social-democrata bulgaro (limitado); 14, o Partido Social-democrata rumaico; 15, a ala esquerda do Partido Social-democrata servio; 16, o Partido Social-democrata da esquerda, da Suecia; 17, o Partido Social democrata da Noruega; 18, o grupo «A Luta de Classes», da Dinamarca; 19, o Partido Comunista da Holanda; 20, os elementos revolucionarios do Partido Operario belga; 21 e 22, os grupos e organizações do movimento socialista e sindicalista da França, solidarios, nas questões fundamentaes, com Loriot; 23, os Social-democratas da esquerda, da Suissa; 24, o Partido Socialista italiano; 25, os elementos da esquerda do Partido Socialista hespanhol; 26, os elementos da esquerda do Partido Socialista portuguez; 27, o Partido Socialista britanico (sobretudo a tendencia representada por Mac Lean); 28, o Partido Socialista Operario (Inglaterra); 29, I. W. W. (Inglaterra); 30, I. W. of Great Britain; 31, os elementos revolucionarios dos delegados de atelier, de Inglaterra; 32, os elementos revolucionarios das organizações operarias irlandezas; 33, o Partido Socialista Operario (America); 34, os elementos da esquerda do Partido Socialista da America (em particular a tendencia representada por Debs, bem como a tendencia representada pela Liga de Propaganda Socialista; 35, I. W. W. da America; 36, I. W. W. da Australia; 37, Workers International Industrial Union (America); 38, os grupos socialistas de Tokio e Yokohama, representados pelo camarada Katayama; 39, a Internacional das Juventudes Socialistas, representada pelo camarada Muntzenberg.

A questão de organização e denominação do partido

XIII. — A base da Terceira Internacional se estabelece pelo facto mesmo de existirem já, em diversos paizes da Europa, grupos e organizações de pessoas da mesma opinião, tendo um programa identico e servindo-se, em conjunto, dos mesmos metodos tacticos. São, em primeiro lugar, os Spartacistas na Alemanha e os Partidos Comunistas em varios outros paizes.

XIV.—O Congresso deve crear um orgam de combate que estabeleça uma ligação constante e que dirija o movimento de um modo metodico, tornando-se o centro da Internacional Comunista, subordinando os interesses do movimento de cada paiz aos interesses geraes da revolução internacional no seu conjunto. As fórmas concretas da organização, da representação, etc., serão elaboradas pelo Congresso.

XV. — O Congresso deve tomar a denominação de *Primeiro Congresso da Internacional Comunista*, e os partidos aderentes constituirão as suas Secções. Já Marx e Engels disseram que teoricamente o nome de «Social-democracia» é falso. O craque vergonhoso da «Internacional» social-democrata necessita uma delimitação mesmo neste ponto. Emfim, o nucleo principal do grande movimento já se acha constituido por uma serie de partidos que aceitaram esta denominação.

Tomando em consideração tudo que ahi fica exposto, nós propomos aos partidos e organizações fraternaes que ponham em ordem do dia o exame da questão da convocação do Congresso Internacional Comunista.

Pela Comissão Central do Partido Comunista Russo: *Lénine, Trotski*. Pelo Bureau no estrangeiro do Partido Comunista Operario da Polonia: *Karski*. Pelo Bureau no estrangeiro do Partido Comunista hungaro: *Rudnianski*. Pelo Bureau no estrangeiro do Partido Comunista da Austria alemã: *Duda*. Pelo Búreau russo da Comissão Central do Partido Comunista letonio: *Rozine*. Pela Comissão Central do Partido Comunista da Finlandia: *Sirola*. Pela Comissão Executiva da Federação social-democrata revolucionaria dos Balkans: *Rakovski*. Pelo P. S. O. da America: *Reinstein*.

Aos nossos amigos

Mais do que nunca se faz necessario todo o esforço para a manutenção da nossa imprensa. Nós aqui estamos dispostos aos mais extremos sacrificios para que *Spártacus* consiga atravessar, impavido e rijo, o desencadear da furia reacionaria da burguezia. Que nos não falte o apoio moral e material dos nossos amigos, e esta folha ha de lutar sem desfalecimentos, no mais avançado das linhas de fogo, até o ultimo homem que nos restar nesta trincheira vermelha... *Spártacus* vive e viverá!

Boa viagem ao "nosso" representante...

Ha certos individuos que, pela força do habito de mentir, acabam por acreditar nas suas proprias mentiras, como se fossem verdades incontestaveis, chegando ao ponto de sinceramente afirmar que assistiram tal facto com *seus proprios olhos que a terra ha de comer*, etc., etc.

Neste momento, um facto que tem alguma analogia com o que falei acima, me dá ensejo a rabiscar estas linhas, como desabafo nestes tempos de *rolha*.

E' o caso de S. Ex. o Sr. deputado e quasi operario Fausto Ferraz, que teve a *gentileza* de enviar ás Associações Obreiras desta capital o *modesto* cartão no qual se apresentou, *sic*, como delegado dos Operarios do Brazil junto ao Congresso de Washington. Num cantinho do referido cartão, mandou S. Ex. o endereço para onde devem ser encaminhados todos os dados para bôa orientação talvez, de S. Ex. nessa magna questão que tantas preocupações tem dado ás *alminhas bondosas* de todos os governantes, nestes dias de *rumores surdos*, resultantes das opressões e crimes praticados ha tantos anos impunemente contra esse grande rebanho que, mais uma vez se pretende ludibriar, com o tal Congresso de Washington, que nada mais visa sinão dar perante o mundo um cunho legalitario ás explorações capitalisticas, contra o operariado faminto e rôto, depois do monstruoso morticinio da Europa!

Conhecendo bastante S. Ex. e sabendo-o bastante inteligente, não me conformo absolutamente com tal representação. Porque, tenho a certeza disso, si S. Ex. procurasse ouvir o que se fala *cá do outro lado*, a esse respeito, *mesmo afirmando de pés juntos que ouvio com seus Excelentissimos ouvidos que a terra ha de comer*, os operarios aclamarem o seu nome augusto, S. Ex. renunciaria tal investidura.

Mas S. Ex. está *sinceramente convencido de que foi mesmo aclamado*... e por esse motivo e por outros de maior monta não quer saber de cousa alguma...

Creio até que já mandou *um proprio* a Silvestre Ferraz convidar o tio Chico, de S. Ex., para *bancar o secretario*.

Emfim o que vae resultar de tudo isso, permita-me S. Ex. dizer, é que, quando chegar em Washington, ficará sabendo que absolutamente não representa o operariado organisado do Brazil; ficando por esse motivo S. Ex. numa posição embaraçosa diante de todos que lá forem... Emfim, quem mais vai sofrer com a ida de S. Ex. a Washington são as florestas brazileiras, que ficarão entregues á sanha dos carvoeiros e dormenteiros, de cujas florestas sua ilustre pessôa sempre cuidou carinhosamente nos seus *monumentaes* discursos na Camara.

E' o que tinha a dizer... E no mais *muito bôa viagem, meu ilustre representante, por obra e graça do Cattete*.

Nog.

CONTRASTES E MISTIFICAÇÕES

Contrastando com a opulencia ilimitada e o fausto escandaloso em que vive o potentado, jaz na mais dolorosa miseria, faminto e seminú, o pobre pária, cuja condição de vida é a mais horrivel que imaginar se possa.

Emquanto o burguez apatacado, de mangas de camisa e mãos ao bolso, com certo ar de importancia, passeia de um lado para o outro dentro da oficina, de sobre-cenho cerrado a dar ordens, o operario, encostado á banca de trabalho, consome o melhor de seus esforços a troco de um insignificante ordenado, que mal lhe chega para a compra do estrictamente indispensavel á sua alimentação.

No entanto, o burguez, que não produz nada, tem a sua despensa fartamente fornida do que melhor exista em materia de generos alimenticios.

Por outro lado o operario, que, a despeito de empregar toda sua atividade na produção de tudo quanto necessario se torna ao bem-estar social, proporcionando destarte a felicidade de meia duzia de magnatas que se enriquecem á custa da suas miserias, não tem o direito de participar daquilo que ele, operario, produziu sinão em dose mui diminuta, sem que de resto lhe caiba o direito de reclamar.

As esposas destes Spártacus de nova especie, vivem—pobres coitadas!—sem alegria, sem satisfação; andrajosas, mal comidas, mal dormidas, sem o menor conforto, atiradas a um quarto infecto de uma casa de comodos, onde a corrupção impera devido á promiscuidade, mas de onde o miserabilissimo ordenado de seus companheiros não lhes permite sahir...

E assim, nesta vida de tortura, sem pão, sem luz, sem ar, a misera esposa do trabalhador, caminha, em passos fataes, para a tuberculose inevitavel, até que a morte ponha termo á serie continua e sempre aumentada de atrozes sofrimentos.

Dahi, serem os filhos de operarios, na sua maioria, raquiticos e enfesados, imbecis ou tuberculosos tambem.

Ao contrario de tudo isso, vemos as esposas do burguez, fortes, robustas, cutis coradas, trajando as melhores vestes, tendo as suas mesas fartas e variadas dos mais finos acepipes, e um sequito enorme de criados, que solicitos, obedecem ás suas ordens e satisfazem os seus inumeros caprichos..

Emfim, todo conforto, todo bem estar, até mesmo o superfluo...

Ao burguez-mirim, ou seja o filho de um senhor dos milhões qualquer, nada lhe falta, desde as cousas estrictamente necessarias, até ao luxo demasiado e corruptor.

Diante, porém, de tamanha desegualdade de condições, o operario, fatalmente, reclama.

Começa por pedir aumento de salario e redução de horas de serviço; pedido este, na maioria dos casos, feito em termos.

O burguez, ganancioso como é, nem sempre se dispõe, á primeira vista, a atender á reclamação feita...

Dahi, o estabelecer-se o dilema seguinte: ou o operario se conforma em continuar na mesma situação de miseria em que vive, ou então toma a resolução — que o proprio instincto de conservação lhe aconselha—de resistir.

E, como efectivar esta resistencia? claro está que fazendo a greve.

Eis ahi a unica sahida que se depara ao operario.

Não obstante, o burguez, baseando-se no elemento Força de que o Estado dispõe para fazer calar o grito estentorico que a miseria arranca ao peito do operario, corre á policia e pede garantias contra os operarios que, metamorfoseados em anarquistas estrangeiros, não só lhe ameaçam a propriedade como tambem a preciosa vida.

O que acontece então? Os soldados, escravos da disciplina, no cumprimento das ordens que recebem, acometem, sague-sedentos, contra os seus irmãos trabalhadores, acutilando-os e espesinhando-os pata de cavalo.

E nesta furia de destruição nada, absolutamente nada, é respeitado; mulher ou criança, velho ou moço, que tenha a infelicidade de passar ao alcance de suas durindanas, não escapa sem sentir o peso das mesmas ou sem travar relações com as patas de seus corceis.

E assim se acabam com as greves, dizem os burguezes, mais alentados ainda para continuarem na sua miseravel exploração.

Enganam-se porém, estes snrs. porque, continuando o mesmo contraste de vida entre uns e outros, isto é, continuando o burguez a enriquecer e a gosar sem nada produzir, e o operario a tudo produzir sem nada gozar, e acrecentando-se á desegualdade economica a opressão sofrida por estes por parte da policia, é logico concluir que a luta não cessará até que o trabalhador não tenha conseguido libertar-se do mal que tanto o tortura—o Capitalismo.

E quando o trabalhador tiver realizado esse objectivo terão ao mesmo tempo desaparecido os contrastes da vida.

A mistificação, porém é o maior obstaculo que os trabalhadores terão que vencer, visto como é o inimigo, que maneja tão poderosa arma, mais astuto do que os dois de que falamos acima, por isso que ao envez de atacar com violencia o faz capciosamente, por insinuações e conselhos.

Certamente, já perceberam os camaradas de quem é que pretendo falar: quero referir-me ao padre, o inimigo da proliferação, o disseminador da prostituição, emfim, o homem que aconselhando o casamento dos outros, não o quer para si.

Estes individuos, que hipocritamente vivem a pregar a paz entre os homens e o amor reciproco entre todos os membros da especie humana, são os mesmos que, sem o vexame, vão a bordo dos navios de guerra para, com palavras mentirosas, invocando o nome de Deus, garantir, á tripulação desses aparelhos de exterminio, a victoria completa no massacre de milhares de trabalhadores: não só a bordo dos barcos de guerra penetram estes verdadeiros INDESEJAVEIS: nos quarteis tambem eles vão, na miseravel missão de mistificar os incautos trabalhadores, que imbuidos de amor patrio, inebriados pelas façanhas macabras que lhes são contadas em ordens do dia na caserna, e que foram praticadas por meia duzia de ambiciosos como sejam: Atila, Napoleão I, Lopez ou Torquemada, em épocas que a instrução dos trabalhadores se encontrava ainda em estado embrionario.

Agora, porém, que a instrução do proletariado já atingiu um certo grão de adiantamento, não mais é possivel admitirmos como razoaveis e muito menos como verdadeiras as palavras dos abutres de sotaina: sim, porque não se comprehende como o padre possa explicar o seguinte:

Diz um dos mandamentss da Lei de Deus:—"Não matarás"... porque matar é um dos pecados mortaes. Muito bem; mas si um exercito que se prepara para uma grande batalha, com todos os instrumentos precisos para lhe garantir a victoria, outra cousa não tem em vista sinão matar: matar em grande escala, a varejo ou em grosso, comtanto que a victoria de suas armas seja um facto, e eles, os soldados, se tornem dignos emulos daqueles de quem em ordens do dia lhes contaram as façanhas.

Portanto, claro está que o exercito é um grupo de homens armados, e, neste caso, cometem estes homens o mais flagrante dos atentados aos mandamentos da Lei de Deus, praticando ao mesmo tempo um dos pecados mortaes.

Como, pois, admitir-se a presença do padre no quartel, a benzer bandeiras, a encorajar os soldados na pratiha de um acto tão nefando, qual seja o da guerra, que outra coisa não é sinão o assassinato em massa, de irmãos contra irmãos?

Mistificação! pura mistificação!...

Trabalhadores! fugi, pois, do padre, como quem foge de tudo quanto é máu!

O padre, meus amigos, é peor do que a fome, a peste ou a guerra!

E' mistificador!

Benedicto Preto